



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

CRISTIANE NUNES MENDES

O BULLYING NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO

MONTEIRO- PB

2014

CRISTIANE NUNES MENDES

O BULLYING NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada, ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida

MONTEIRO- PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M538b Mendes, Cristiane Maria Nunes

O bullying na escola [manuscrito] : um estudo de caso /
Cristiane Maria Nunes Mendes. - 2014.
32 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida,
Departamento de Matemática".

1. Bullying. 2. Concepções sobre bullying 3. Bullying na
escola. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

CRISTIANE NUNES MENDES

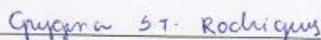
O BULLYING NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada, ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovado em 14 de julho de 2014.



Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida (UEPB)
Orientador



Prof. Ma. Grygena dos Santos Targino Rodrigues (UFPB)
Examinadora

Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida (UEPB)
Examinador

A minha família, filhos e a minha neta pela convivência e apoio.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador por ter aceitado como sua orientadora nesta jornada de conclusão do curso.

Aos membros da banca examinadora.

A UEPB pela oportunidade oferecida aos alunos da especialização.

Agradeço aos meus colegas pelo tempo e aprendizagem e convivência e, assim como agradeço à Deus, autor da criação, eterno mestre, motivo de minhas vitórias, não palavras que exprimem a gratidão por mais uma etapa cumprida em minha vida.

“O *Bullying* pode ser entendido como um balizador para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência”.

Amaris A. Lopes Neto

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo discutir algumas dimensões sobre a temática do *Bullying* em sala de aula, a partir de um estudo de caso preliminar sobre as crenças a respeito da sua prática *Bullying* em sala de aula, também de um paradigma interpretativo. Contendo as opiniões e sentenças de um grupo de 21 estudantes 9º ano da E. E. João de Oliveira Chaves da cidade de Monteiro. Este estudo de caso abordou uma pesquisa etnográfica a partir da contribuição teórica de Almeida e Souza (2010) no artigo científico introdutório *Bullying* em ambiente escolar e da obra *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas educar* de Fante (2005) além de outros autores de artigos, como de Idalgo (2010), Leão (2010) dentre outros que estão mencionados no decorrer do texto.

Palavras-chaves: *Bullying*; Concepções sobre *Bullying*, *Bullying* na escola.

RESUMEN

Este presente trabajo tiene como objetivo discutir algunas dimensiones sobre la temática del *Bullying* en clase, a partir de un estudio de caso preliminar sobre las creencias a respecto de la práctica *Bullying* em clase. También de un paradigma interpretativo, contenido las opiniones y sentencias de un grupo de 21 estudiantes del 9° ano de la E. E. F. João de Oliveira Chaves da ciudad de Monteiro, en clase. Este estudo de caso abordou valeu de una pesquisa etnográfica Almeida e Souza (2010) en el artigo científico introdutório *Bullying em ambiente escolar*. E obra *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas* de Fante (2005), allá de otros autores de artigos como Idalgo (2010), Leão (2010), dentre otros que serán mencionados en el decorrer del texto.

Palabras- clave: *Bullying*, Concepciones sobre *Bullying*, *Bullying* en la escuela.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Alvos de <i>Bullying</i> na escola	24
QUADRO 2: Em casos de <i>Bullying</i> , solicitaria ajuda?	27
QUADRO 3: Orientações após a prática do <i>Bullying</i>	27
QUADRO 4: Preparação da escola para enfrentar o <i>Bullying</i>	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO HISTÓRICA PARA TERMO	111
1.1 Perfil das vítimas e dos praticantes de <i>Bullying</i>	14
1.2 O tratamento dado ao <i>Bullying</i> em sala de aula	14
CAPÍTULO 2	
OS ESTUDANTES E O <i>BULLYING</i> NA ESCOLA	20
2.1 Concepções dos estudantes acerca do <i>Bullying</i>	21
2.2 Experiências dos estudantes com <i>Bullying</i>	22
2.3 Punições para casos de <i>Bullying</i>, segundo os alunos.....	26
2.4 Busca de ajuda em casos de <i>Bullying</i>	26
2.5 Preparo da escola para enfrentar o <i>Bullying</i>, segundo os alunos.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral discutir/comentar sobre a temática do *Bullying* em sala de aula, a partir de um estudo de caso preliminar sobre as crenças a respeito da prática do *Bullying* em sala de aula.

Considerando, que se trata de uma pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, que investigou, através de um paradigma interpretativo, as opiniões e sentenças de um grupo de 21 estudantes do 9º ano do João de Oliveira Chaves da cidade de Monteiro, esta pesquisa visa contribuir com reflexões sobre a temática para as escolas.

No primeiro capítulo busca-se a definição do termo *Bullying* a partir dos seguintes autores Almeida e Souza (2010) no artigo científico introdutório *Bullying* em ambiente escolar e Fante (2005) na obra *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar*, dentre outros autores de artigos como Idalgo (2010) Letícia Gabriela Ramos Leão (2010) e outros que serão mencionados no decorrer do texto.

No segundo capítulo, está a análise dos dados coletados da pesquisa envolvendo os estudantes do 9º ano do João de Oliveira Chaves. Para tal, foram aplicados questionários abertos e fechados, sem a presença do pesquisador, para não influenciar nas respostas dos questionários, assim como resguardando os nomes.

Tomando como hipótese que o *Bullying* é um violência grave que apresenta um ciclo de violência dentro da escola, local favorável para a proliferação desta prática. Com isto indivíduo vitimizado pode reagir ou responder também de forma agressiva, praticando o *Bullying* contra seu agressor, além disso, gerando um ciclo vicioso de estímulo/resposta de violência entre os que praticam/sofrem tal ato.

CAPITULO 1

BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO HISTÓRICA PARA O TERMO

Nesta capítulo, discute-se a definição do termo *Bullying* a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em artigos científicos e livros que abordam esse tema tão recorrente no âmbito escolar.

Intimidações, apelidos, gozações e outras brincadeiras infantis fazem parte do contexto escolar, sendo muitas vezes motivo de reclamações parte dos pais e/ou responsáveis nas diretorias ou até mesmo aos educadores. Diante de tais acontecimentos, devemos repensar o que é realmente uma brincadeira infantil e o que pode ser considerado um ato vexatório, de cunho ofensivo que pode destruir o aspecto moral e psicológico do indivíduo.

De acordo com Souza e Almeida (2011) o termo *Bullying* expressa:

[...] é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (SOUZA e ALMEIDA, 2011, p.03).

De acordo com Souza e Almeida (2011) , o termo *Bullying* foi durante algum tempo empregado para “denominar uma questão antiga que durante muito tempo não foi vista como algo preocupante, até que, por volta dos anos 1970 surgiu na Suécia um grande interesse” (SOUZA e ALMEIDA, 2011, p.4).

Tal caso ao qual os autores se referem está relacionado com o suicídio de três crianças devido aos maus tratos sofridos na escola. Diante de tal fato houve uma grande repercussão não só na mídia, mas sobretudo no âmbito escolar, pois professores e gestores voltaram suas atenções sobre o que seria apenas brincadeiras infantis e inofensivas para o âmbito escolar, assim como para os indivíduos que ganham destaque sobre essa questão.

De acordo com Leão (2010), o *Bullying* existe quando há:

Um desequilíbrio de poder que há entre os protagonistas do *Bullying* se dá pelo fato do agressor possuir algumas características, tais como, 'idade superior a da vítima, estrutura física ou emocional mais equilibrada, ter apoio dos demais amigos de classe, ser sociável entre os demais grupos da classe, tamanho superior' ; tais atributos fazem com que a vítima se sinta inferior, não tendo condições de se defender diante das ofensas, sejam elas verbais ou físicas. (LEÃO, 2010,p. 23).

No Brasil, são igualmente registrados casos de *Bullying* com muitas ocorrências em escolas:

A preocupação com a questão se estendeu pelo mundo e outros casos de suicídio e homicídio entre alunos e ex-alunos no meio escolar começaram a ser noticiados. No Brasil, casos como o de Taiuva (SP, 2003), Remando (BA, 2004) e, mais recentemente Realengo (RJ, 2011), tem gerado muita comoção alertando para a gravidade das consequências que o *Bullying* pode causar (SOUZA e ALMEIDA, 2011, p.04).

Para uma melhor compreensão desse problema recorremos a Souza e Almeida (2011), que consideram que o *Bullying* pode ser dividido ou classificado em três categorias:

Direto e físico: inclui ameaças e agressões físicas, como pontapés ou socos, assim como extorquir dinheiro, obrigar ou coagir o indivíduo a tarefas ou ações das mais diversas contra a sua vontade.

Direto e verbal: inclui xingamentos, alcunhas desagradáveis, comentários racistas ou comentários que salientam outra característica ou deficiência negativa.

Indireto: exclusão de alguém sistematicamente de grupo de amigos, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação.

Essa classificação de Souza e Almeida (2011), sobre o *Bullying* demonstra como este termo abrange não só a violência também física propriamente dita, mas também ocasiona um constrangimento moral que pode acarreta a sérios problemas para quem foi atingido.

Além disso, Leão (2010) define o *Bullying* como:

O fenômeno *Bullying* não tem um alvo específico, independentemente de classe social ou econômica, pode ocorrer em diversos ambientes, desde que exista relação entre os sujeitos, como, nas escolas, nos

locais de trabalho, nas famílias, nas prisões e nos clubes. A prática do *Bullying* considerada muitas vezes pelos pais e professores como brincadeiras de criança, briguinhas que envolvem xingamentos e ofensas, mas que passam e, em alguns momentos são desvalorizadas e a até ignoradas, está longe de ser um comportamento normal e aceito em um ambiente escolar (LEÃO, 2010, p. 7).

Leão (2010) ainda alerta para o *Bullying* praticado através da redes sociais, que também pode ser definido como um tipo não físico que se vale de um suporte eletrônico:

Importante salientar que quando se trata da forma indireta do *Bullying*, os meios de comunicação têm grande relevância como forma mais rápida de propagação de comentários cruéis e maliciosos sobre determinada pessoa pública. Esse modo de intimidação, ora mencionado, chama-se de “*cyberBullying*, pois trata-se da utilização dos meios de comunicação, tais como mensagens de correio eletrônico, blogs, torpedos, fotoblogs e *sites* de relacionamento”. Desde que sejam anônimos, para adoção de comportamentos produzidos de forma repetitiva, por um período prolongado de tempo, de um indivíduo ou grupo contra uma mesma vítima, com a intenção de causar danos (LEÃO, 2010, p. 09).

Idalgo (2013), no entanto trata o *Bullying* como um fenômeno da violência escolar que envolve drasticamente o direito à segurança e à vida , pois e muito comum que fatos e acontecimentos deste fenômeno ganhem grande proporção há mídia, causando respostas com passeatas, manifestações pedindo paz e cobrando do governo políticas públicas para coibir atos de violência.

O tema da segurança é incluído na agenda do dia de muitos organismos e grupos. Porém poucas iniciativas procuram ver a violência como um fenômeno social “criado” pelo tipo de sociedade existente.

A violência é vista, na maioria das vezes, como algo natural que deve ser controlado; e o valentão é visto como alguém que deve ser punido individualmente. Segundo comentários de Waléria Fortes de Oliveira e Marcelo Rezende Guimarães a respeito de estudo sobre violência e juventude no Brasil, As análises sociais divulgada pelos meios de comunicação têm privilegiado a adolescência e a juventude como momento de produção da violência, como agressora, destacando seu envolvimento com a delinquência e a criminalidade, com os tráficos de drogas e armas, com as torcidas organizadas, com os espetáculos musicais nas periferias das grandes metrópoles (...). Nota-se que geralmente a violência é analisada de maneira individualizada, mas pensamos que deve-se ver a adolescência e a juventude não somente como produtoras da violência, mas como vítimas de um sistema social que produz pessoas violentas (IDALGO, 2011, p. 08).

Idalgo (2013), ainda oferece outra definição sobre o *Bullying*, como fenômeno escolar que ocorre entre alunos de ambos os gêneros. Segundo o autor, o *Bullying* é um termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais ou repetidos, praticados por um indivíduo (bully ou ‘valentão’) ou grupos de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender.

Fante (2011) vai além buscando uma maneira de sintetizar o conceito como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais estudantes com outro (s), causando dor, angústia, sofrimento, insultos e intimidações que resultam na hostilização injusta da (s) vítima (s).

1.1 Perfil das vítimas e dos praticantes de *Bullying*

Além do fenômeno em si, deve-se também analisar sobre o perfil do sujeitos envolvidos nesse fenômeno sejam eles agente em potencial ou vítimas em potencial. Seu estudo, Fante (2011), ainda ressalta sobre as tipologias das pessoas envolvidas nessa prática vexatória:

Vítima típica: é aquela que serve de “bode expiatório” para um indivíduo (ou grupo de indivíduos); geralmente pouco sociável, sofre repetidas agressões sem dispor de recursos, *status* ou habilidades de reação para fazer cessar tais agressões.

Vítima provocadora: é aquela que provoca e atrai reações agressivas sem conseguir lidar com as consequências; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; é de modo geral tola, de costumes irritantes e quase sempre responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

Vítima agressora: é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos; tendo passado situações de sofrimento na escola, tende a agredir indivíduos mais frágeis do que ela, transferindo os maus-tratos sofridos, perpetuando a violência e expandindo o número de vítimas.

Agressor: é aquele que vitimiza os mais frágeis; costuma manifestar pouca empatia, bem como necessidade de dominar e subjugar os outros; manifesta necessidade de conseguir a custo de ameaças o que se propõe; tende a ser impulsivo e ter baixa resistência a frustração.

Espectador: é o aluno que presencia o *Bullying*, porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio (FANTEN, 2011, p. 34).

No entanto, Fante (2011) ainda chama atenção para outro fator interessante: o agressor pode apresentar um comportamento agressivo devido a um desequilíbrio familiar, principalmente devido a uma falta ou pouco contato afetivo com os pais ou responsáveis. Além disso também é comum que esses indivíduos demonstrem esse desequilíbrio emocional através de atos violentos ou vexatórios contra seus colegas, como maneira de expurgar o sofrimento, reproduzindo atitudes negativas que ocorrem em casa.

É oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas próprias condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicado. Nem sempre os pais se dão conta de que certos comportamentos que o filho manifesta são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que é percebida por ele; muito menos procuram checar e refletir se o que o filho está realmente aprendendo tem relação com aquilo que ‘eles pensam’ que está sendo ensinado (FANTEN, 2011, p. 31).

Nikodem e Piber (2013, p. 9), alertam que pode-se indentificar os traços desses indivíduos que causam o *Bullying* ou sofrem através de “determinados sinais, tais como, queda no rendimento escolar, baixa auto-estima, ansiedade, além de poder sofrer de algum tipo de trauma que influencie nos traços de personalidade”.

Ainda de acordo com Nikodem e Piber (2013,p.10) o *Bullying* pode acarretar:

O *Bullying* pode ter conseqüências arrasadoras, como a incidência de depressão, ansiedade, estresse, dores não-especificadas, perda de auto-estima, problemas de relacionamento, abuso de drogas e álcool, além do risco de suicídio em casos mais graves. As marcas do sofrimento psíquico e físico podem perdurar por toda a vida, e atingem também o agressor, pois aqueles que praticam *Bullying* contra seu colega poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no ambiente de trabalho

1.2 O tratamento dado ao *Bullying* em sala de aula

O *Bullying* então deixou de ser um mero caso resolvido entre colegas de sala de aula para se tornar um caso para ser resolvido, muitas vezes entre pedagogos e professores. Na opinião de Tognetta (2005):

O grande problema é que por um outro lado, a conduta de *Bullying*, enquanto um conflito, é um perigo a estima de si, ou seja, ao valor que nos damos: quem sofre *Bullying* tem uma grave alteração na estima que tem de si mesmo, ou do valor que se atribui tanto para baixa-estima como para alta, como a não reconhecer em si um valor ou que os outros também precisam ser valorizados. A grande diferença de entre o *Bullying* e um conflito normal ou cotidiano, é que o primeiro seria um conflito somado à agressão, o que o torna doloroso demais e por isso a seriedade do assunto. Quem agride – o agressor – e quem sofre a agressão estão envolvidos neste embate e na maioria das vezes, um dos grandes envolvidos cujas perdas são mais sentidas é quem sofre o *Bullying*, visto que se sente perseguido, humilhado e intimidado (TOGNETTA, 2005, p. 09).

De acordo com esse pensamento é sabido que o contrário, adultos que tudo permitem às crianças, também são causadores de graves problemas. Impedem que estas experimentem as perdas necessárias, o luto por não terem tudo o que querem, o sofrimento por uma consequência natural de seus atos. Quem nunca sofreu uma perda, uma necessidade de esperar por algo que muito deseja, também pode precisar.

Idalgo (2013) ainda acrescenta que geralmente a violência, enquanto fenômeno social é analisada de maneira individualizada, todavia pode-se pensar que na adolescência e na juventude a violência faz vítimas de acordo com um sistema social que produz pessoas violentas.

Especialmente quando se estuda a violência juvenil ela aparece como um problema ligado à educação, percebendo que tanto em relação à escola quanto à culturas. Não há concordância entre os pesquisadores quanto as causas que produzem a violência nem mesmo quanto ao fenômeno em si.

O pensamento de Mário Volpi esclarece que a violência praticada pelos adolescentes revela falha no sistema educacional (nas escolas), na família e nas políticas públicas. A família desestruturada, como já alertara um dos adolescentes entrevistados, colabora para que uma atitude violenta se manifeste. A pouca ação de professores e da direção das escolas para coibir ofensas e provocações entre os alunos e até entre alunos e professores, também ajuda para o aumento do *Bullying* escolar. A falta de políticas públicas e programas educativos manifestam a mesma tendência. A questão da punição não deve ser o pensamento primário, pois em países como os Estados Unidos, onde há mais repressão e intolerância como prisão perpétua para adolescentes infratores, há índice muito maior de violência entre os adolescentes. Não é o medo da punição que vai fazer diminuir o índice de violência, mas uma ação conjunta com todos os setores da sociedade (IDALGO, 2011, p. 08).

Deve-se ressaltar que, de acordo com Antunes e Zuin (2008), afirmam que a escola é um ambiente favorável para esta prática, pois é justamente no ambiente escolar que as formas de violência sociais são reproduzidas pelos alunos uns contra os outros como forma de expurgo dos maus tratos que sofrem em casa.

Além disso, os autores também orientam para que o professor deva estar consciente sobre essas atitudes negativas em sala

Não podemos no entanto, atribuir ao professor toda responsabilidade da ocorrência de *Bullying* na sala de aula. Os alunos podem certamente cometer o *Bullying* sem se basear nas atitudes do professor. Porém, atitudes do professor para com os alunos, assim como foi dito anteriormente, podem sim, gerar chances para que estes cometam *Bullying* na sala de aula. No entanto, se o professor transmitir aos alunos a importância do respeito e ter conhecimentos sobre os direitos das crianças, ser o mediador de um ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira coesa nas chamadas brincadeiras de mal gosto, casos de *Bullying* poderão não acontecer no interior da sala de aula (ANTUNES e ZUIN, 2008, p. 12).

O *Bullying* não deve ser encarado como um atitude típica de crianças em sala de aula, mas como um atitude nociva:

Para que o *Bullying* não aconteça no cotidiano pedagógico é necessário tanto a participação do professor quanto dos alunos. O professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor (ANTUNES e ZUIN, 2008, p. 12)..

Para Rolim (2008) é necessário práticas mais benéficas e preventivas em sala de aula para a conscientização dos estudantes a respeito desta temática. Os PCN na apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998) definem que os docentes devem adotar medidas de prevenção contra o *Bullying* em sala de aula contribuindo para a construção de um ambiente saudável na sala de aula, pautando no respeito mútuo, na justiça, no diálogo e na solidariedade.

Para cada item o conteúdo trabalhado deve ser o seguinte: No Respeito Mútuo docente deve destacar a igualdade de tratamento para os indivíduos independente de sua condição ou origem:

A diferença entre as pessoas. O respeito a todo ser humano independente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e

cultura. O respeito às manifestações culturais, étnicas e religiosas. O respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito para si (BRASIL, 1998, p.13).

No quesito da justiça, o docente deve ressaltar a noção de deveres e direitos dos estudantes em sala de aula:

O reconhecimento de situações em que a equidade represente justiça. O reconhecimento de situações em que a igualdade represente justiça. A identificação de situações em que a injustiça se faz presente. O conhecimento da importância e da função da constituição brasileira. A compreensão da necessidade de leis que definem direitos e deveres. O conhecimento dos próprios direitos de aluno e os respectivos deveres. A identificação de formas de ação diante de situações em que os direitos do aluno não estiveram sendo respeitados. A atitude de justiça para com todas as pessoas e respeito aos seus legítimos direitos (BRASIL, 1998, p.13).

No outro quesito, o diálogo, os conteúdos devem ser os seguintes:

O uso e valorização do diálogo como instrumento para esclarecer conflitos. A coordenação das ações entre os alunos, mediante o trabalho em grupo. O ato de escutar o outro, por meio do esforço de compreensão do sentido preciso da fala do outro. A formulação de perguntas que ajudem a referida compreensão. A expressão clara e precisa de idéias, opiniões e argumentos, de forma a ser corretamente compreendido pelas outras pessoas. A disposição para ouvir idéias, opiniões e argumentos alheios e rever pontos de vista quando necessária (BRASIL, 1998, p. 14).

E por fim, devemos trabalhar a questão de solidariedade entre os discentes

Identificação de situações em que a solidariedade se faz necessária, As formas de atuação solidária em situações cotidianas. A resolução de problemas presentes na comunidade local, por meio de variadas formas de ajuda mútua; A sensibilidade e a disposição para ajudar as outras pessoas, quando isso for possível e desejável (BRASIL, 1998, p.15).

O *Bullying* se torna então um tema ser debatido pelo professor em sala de aula com seus maiores interessados os alunos em questão, para reforçar a necessidade de uma melhor convivência e

(...) destaque para preconceitos e desrespeito freqüente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes (BRASIL, 1998, p.19).

Cabe, então, ao professor buscar meios para combater o *Bullying* em sala de aula, buscando conscientizar sobre as consequências negativas desse atitude entre os estudantes envolvidos, sejam eles autores ou como vítimas.

CAPÍTULO 2

OS ESTUDANTES E O *BULLYING* NA ESCOLA

Neste capítulo iremos realizar uma abordagem preliminar sobre as crenças a respeito da prática do *Bullying* em sala de aula. Considerando, que a premissa deste tema neste capítulo que reporta uma pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, que investigou, através de um paradigma interpretativo, as opiniões e sentenças de um grupo de 21 estudantes, de diferentes idades e dos respectivos gêneros, do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental João de Oliveira Chaves da cidade de Monteiro.

Entre as pesquisas utilizadas destacaremos basicamente os seguintes teóricos já apresentados no capítulo anterior, com objetivo de discutir a temática do *Bullying* em sala de aula, assim como entre outros que serviram de apoio para realização deste estudo.

Para uma melhor compreensão deste fato, julgamos importante essa detecção, pois os alunos são autores, co-autores e vítimas deste prática em sala de aula. Assim, observamos nosso interesse sobre suas opiniões e crenças a respeito desta temática.

Este estudo de caso se vale de uma abordagem metodológica para coleta e análise dos dados o método qualitativo, com a utilização de questionários, pois buscaremos examinar algumas presumíveis opiniões de de 21 estudantes do 9º ano do João de Oliveira Chaves.

Os questionários foram entregues aos alunos em sala de aula, durante uma aula vaga do 9º ano do ensino fundamental. O perfil dos estudantes que responderam o questionário é de adolescentes entre a faixa etária de 13 a 15 anos de idade, de ambos os gêneros.

Dessa maneira, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, sem a presença do pesquisador, para não influenciar nas respostas dos questionários, assim como foram resguardando os seus nomes.

O modelo do questionário respondido pelos alunos está anexado neste trabalho, ressalvando aqueles que alguns não foram devolvidos ao entrevistador, pois foram aplicados trinta, mas somente vinte e sete foram devolvidos.

Primeiramente, busca-se entender como os estudantes define o *Bullying*, buscando compreender como todas as formas de atitudes agressivas, intensidades a

repetidas, sem motivação evidente provocadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia numa relação desigual de poder. Exemplo: apelidos, intimidar, humilhar, discriminar, entre outros.

2.1 Concepções dos estudantes acerca do *Bullying*

O primeiro questionamento realizado foi acerca da definição dada pelos alunos sobre o termo *Bullying*. O interesse foi analisar quais eram as concepções que esses estudantes tinham sobre este fenômeno escolar e assim como sobre esta temática, assim como sobre o que eles consideravam como ato de *Bullying*, atitude violenta verbal ou somente os casos de agressões físicas.

As respostas obtidas foram as seguintes (cada parágrafo corresponde à resposta de um aluno):

- É um tipo de agressão, que uma pessoa comete com a outra, tipo apelidando.
- É um tipo de agressão verbal e moral.
- É um tipo de agressão praticada tanto verbalmente quanto fisicamente.
- É um tipo de agressão que pode dar caso sério a outras pessoas.
- É um tipo de brincadeira sem graça que pode magoar e terminar em cadeia.
- É um tipo de brincadeira sem graça, maldosa com as palavras que magoa.
- É uma brincadeira sem graça que ofende as pessoas.
- É uma falta de respeito com o próximo, pois ficar colocando apelidos um com outro pode ocasionar brigas futuras.
- É tipo de agressão, tipo ofendendo os outros, batendo nos outros.
- É uma brincadeira sem graça.
- É um ato muito ruim para que sofre o *Bullying*.
- É uma brincadeira do tipo que agride as pessoas que chega a bater, apelidar e achucar os outro.
- É um tipo de agressão verbal em que as pessoas machucam ou magoam um mais ou mais colegas.
- É uma brincadeira de mal gosto.
- É uma brincadeira sem graça, em que o outro apelida, xinga e em alguns casos chegam a tipo em agressão.
- É uma agressão em que o outro fica moralmente e fisicamente ferido.
- É uma agressão em que o próximo fica muito triste e desiste de tudo e de todos.
- É um ato muito feio.
- É um ato muito feio, que acontece nas escolas como: apelidar pessoas com nomes maldosos.

As respostas dos estudantes coincidem sobre com a definição abrangente de Almeida e Souza (2011), do *Bullying*, que classificou como ato direto/físico que pode incluir ameaças e agressões físicas, como pontapés ou socos, assim como espoliar dinheiro, obrigar ou constranger o indivíduo a tarefas ou ações das mais diversas contra a sua vontade. Assim como, direto/verbal inclui xingamentos, alcunhas desagradáveis, comentários racistas ou comentários que salientem outra característica ou deficiência negativa.

Tal qual Antunes e Zuin (2008) afirmam que o *Bullying* é um ato de barbárie que cometido no espaço, por meio de atos violentos contra indivíduos que não podem se defender. Além disso, as opiniões dos educandos também coincidem com a definição ampla de Leão (2013) sobre a temática:

[...] é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (LEÃO, 2013, p.09).

As coincidências das respostas dos alunos com as definições de teóricos sobre a temática reforçam o fato que os indivíduos envolvidos ou mais familiarizados com este fenômeno estão satisfatoriamente mais críticos para definir o fenômeno, enquadrando como ato violento verbal e escrito capaz de não só de humilhar e ofender a vítima, mas também de oprimir a vítima em questão.

2.2 Experiências dos estudantes com *Bullying*

No segundo questionamento, foram indagados se porventura já presenciaram casos de *Bullying* na escola, seja na classe ou durante o intervalo escolar. As respostas foram as seguintes (cada parágrafo corresponde à resposta dada por um aluno):

Atos maldosos e até agressões físicas.
 Vários casos de *Bullying*, tanto verbal, com física. Ex: bater, xingar e humilhar.
 Sim, um menino que apelidava o outro de goiaba.
 Sim, vários apelidos.
 Sim, um menino chamava o outro de picolé.
 Sim, agressões, brigas, confusão.

Sim, chamava o outro de feio.
 Sim, apelido de mal gosto no menino.
 Sim, apelido.
 Sim, um aluno chamava o outro de baleia, por conta de sua obesidade.
 Sim, apelidos como Ki suco.
 Sim, um menino chateando outro.
 Sim, já vi algumas apelidando os outros por sua cor, gordura e altura.

Ao analisar as respostas, pode-se perceber que a ocorrência deste fato está relacionada com as relações de desequilíbrios de poder entre vítimas e agressores ou causadores. Pois a vítima é necessariamente um indivíduo pouco social, ou com perfil tímido e com características diferenciadas dos demais estudantes. Como exemplo, o aluno de estatura diferenciada dos demais, aquele acima ou abaixo do peso indicado para idade, ou ainda, aquela de uma determinada minoria étnica, dentre outros exemplos.

Assim sendo, as vítimas passam a sofrer devido as suas limitações físicas ou psicológicas, tornando alvo em potencial do fenômeno. Para Nikodem e Piber (2013):

O desequilíbrio de poder ocorre porque a vítima não consegue se defender das agressões por diversas razões: ser menor em estatura, possuir menos força física, estar em minoria, apresentar poucas habilidades para se defender, possuir características físicas ou psicológicas que possam levar à discriminação, ou também possuir pouca flexibilidade de ação em relação ao agressor. Insultos, intimidações, gozações, apelidos cruéis e acusações injustas, além de danos físicos, morais e materiais, são alguns exemplos das manifestações características do *Bullying* (NIKODEM e PIBER ,2013, p. 48).

Ainda de acordo com Nikodem e Piber (2013), “ quando se toma o *Bullying* como algo concreto e real, ele vai muito além da brincadeira sem graça, isto é, assume características específicas e definidas” (NIKODEM e PIBER ,2013, p. 48).

Dessa maneira, toda atitude de violência acontece não somente pela fato de diálogo entre ambas as partes, mas também devido a esse desequilíbrio de poder existente entre as partes, resultando em atos violentos:

Pode se definir violência, como sendo o uso de atitudes agressivas de uma pessoa e/ou grupo em relação à outra pessoa e/ou grupo, gerando conseqüentemente, conflitos sociais, e um ambiente sem diálogo e troca de idéias. A violência possui várias representações, além de haver sua incidência em diversos contextos. É nesse ponto que pode-se relacioná-la ao *Bullying*, pois “nega a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito (NIKODEM e PIBER ,2013, p. 48).

Na terceira pergunta, buscou-se verificar se os entrevistados já tinham sido alvos de *Bullying* na sala de aula, assim como extrair deles como esse fato aconteceu, se fosse o caso, ou seja, os motivos que levaram para que praticassem esse fenômeno.

A imensa maioria respondeu que não foi ou é alvo de *Bullying*, conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Alvos de *Bullying* na escola

Já foi alvo <i>Bullying</i>	Quantidade
Sim	5
Não	16
Total	21

Fonte: Respostas dos questionários

A maioria que respondeu que não, mas para aqueles que responderam sim nota-se as seguintes respostas obtidas:

Sou um pouco amigos que fala apelidos de mau gosto.

Já muitas vezes. Acontecem po causa de um amigo enfiel que eu li contei então por chatice sela contou e espalhou par toda a sala.

Eu já foi alvo de Bulluing é muito chato a pessoa ser chamado de nomes que machuca a pessoa.

Sim, as pessoas me chamavam de gordo pão.

Sim, acontece na escola.

Estes que responderam se encaixa no padrão de vitimas anteriormente citados por Fante (2005) ou seja a denominada “vítima típica” que se define como um indivíduo que serve de “bode expiatório” para os demais e que geralmente sofre agressões repetidas por parte dos agressões e não disponha de recursos para evitar que tal fato volte a acontecer, diante disso essa vitima sofre maus tratos.

Silva (2010), também aponta que para este tipo particular de vítima:

É pouco sociável, sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros, possui aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente

dificuldade de imporse ao grupo, tanto física quanto verbalmente (Silva, 2010, p. 06).

Na seguinte pergunta, indagou-se se dentre os entrevistados existem indivíduos que já praticaram o *Bullying* na sala. As respostas obtidas foram as seguintes:

Geralmente nos dois casos, fora e dentro da escola. Me sinto bem, pois é apenas como um brincadeira.
 Acho que sim, não sei mais mim sinto mau se for o caso.
 Eu já provoquei e é muito chato, porque quem não que ser chamado de coisas que magoa a pessoa também não provoque.
 Eu só provocaria se provocarem comigo.

Dentre as respostas obtidas, a quarta se insere no padrão de vítima agressora, ou seja, aquela que “reproduz os maus-tratos sofridos. Como forma de compensação procura uma outra vítima mais frágil e comete contra esta todas as agressões sofridas na escola (...) transformando o *Bullying* em um ciclo vicioso” (SILVA, 2010, p.9). Enquanto, a primeira admite que pratica o *Bullying* como um indivíduo agressor que o pratica.

A próxima questão discute as respostas foram as seguintes:

Não, se eu provocasse me sentiria mal;
 Não, porque eu não gosto disso
 Eu me sinto muito mal
 Geralmente nos dois casos, fora e dentro da escola. Mas, sinto bem porque é apenas uma brincadeira.
 Nunca provoquie.
 Eu só provocaria se alguém me provocar.
 Não provoco.
 Não, nunca fiz e não vou fazer.
 Não, eu vejo os outros sofrendo com isso, é triste.
 Eu só provocaria se me provocar antes.
 Eu já provoquei e é muito chato, porque quem não quer ser chamado de coisas que magoam, a pessoa também não provoca.
 É chato.

Aqueles que confirmaram ter praticados também estão considerados dentro da categoria de vtima provocadora de Silva (2010). Demonstrando que alguns destes entrevistados rege ao fenômeno através da reprodução do mesmo.

Fante (2009) argumenta que a conduta de quem pratica o *Bullying* apresenta o seguinte padrão: comportamentos deliberados e danosos, produzidos de forma

repetitiva num período prologado de tempo contra uma mesma vítima, assim como age de maneira sempre violenta com os colegas seja verbalmente ou não.

2.3 Punições para casos de *Bullying*, segundo os alunos

Sobre o que pensam os entrevistados sobre a punição para quem comete esse ato, as respostas foram as seguintes:

Castigar ou suspensão e se for mais grave até expulsão.
 Poderia ser uma suspensão, castigar ou até ser expulso.
 Tinha que ser preso.
 Deveria ter uma punição grande.
 Sei lá, qualquer coisa.
 Falar com diretora da escola e tomar providência.
 Conversar se for na escola, ir para a direção e tam que levar uma advertência.
 Suspensão ou expulsão.
 Uma conversa sobre quem comete isso.
 Deveria ter uma advertência.
 Deveria ter uma lei para quem faz isso e ter uma prisão.
 Porrada neles.
 Falar com a diretoria e pais.
 Mandava para a promotoria e aplicava lição neles.
 Sofrer o mesmo que os outros.
 Eu lhe processaria e iria atrás do diretos.
 Deveria pagar uma taxa ou pagar serviços comunitário.
 Deveria ter uma punição com o praticante de *Bullying*.
 Mandava para a promotoria.

As respostas definem que este fenômeno seja combatido unicamente por meio da repressão ou medidas punitivas mais severas, assim como os entrevistados sugerem que este fato pode ser tratado como uma infração ou crime passível de pena. Contudo, Fante (2009) alerta para o fato que *Bullying* seja combatido por meio de conscientização sobre suas reais complicações da vida estudantil.

2.4 Busca de ajuda em casos de *Bullying*

Na próxima pergunta, uma pergunta fechada, a maioria responde que socilataria ajuda para resolve este fato, ver quadro 2.

Quadro 2: Em casos de *Bullying*, solicitaria ajuda?

Caso você alvo de <i>Bullying</i> , solicitaria ajuda ?	Quantidade
Sim	19
Não	2
Total	21

Fonte: Respostas dos questionários

Neste caso, a maioria dos entrevistados afirmou que buscaria ajuda para enfrentar esse problema. Dessa maneira, eles afirmaram que não se isolariam diante de um abuso cometido por seus colegas. Isso demonstra que para a maioria dos discentes a ajuda externa seria bem vinda para a superação deste problema.

Na próxima pergunta fechada, alguns estudantes que praticaram o *Bullying* revelaram que foram advertidos sobre o malefício deste ato para o que sofrem. Contudo, esse dado revela uma incongruência estranha já que apenas cinco desses estudantes haviam afirmado em um quesito anterior que haviam praticado o *Bullying*. Isso pode revelar uma certa incorência para responder o questionário (ver quadro 3).

Quadro 3: Orientações após prática do *Bullying*.

Quando você foi autor de <i>Bullying</i> , alguém te orientou que este ato é incorreto e prejudica os outros?	Quantidade
Sim	14
Não	7
Total	21

Fonte: Respostas dos questionários

Essas respostas demonstram que a maioria dos estudantes receberam alguma instrução ou orientação em sala de aula sobre a prática do *Bullying* pode ter graves consequências em sala de aula. Principalmente para aqueles que sofrem a ação.

2.5 preparo da escola para enfrentar o *Bullying*, segundo os alunos

Neste quesito, os estudantes em sua maioria revelaram que a Escola pode e está preparada para intervir sobre a prática do *Bullying* (quadro 4). Esse dado é interessante pois demonstra a confiança e expectativa dos alunos em relação a instituição como agente de combate, mas principalmente de conscientização de prática.

De acordo com Tognetta (2005) a relação entre os indivíduos envolvidos e a escola deve ser pautada em confiança, pois:

No entanto, uma relação de confiança a ser estabelecida em sala de aula ou mesmo em âmbito familiar supera essa condição de diálogo no momento da crise. Uma relação de confiança é baseada no respeito mútuo em que aqueles que se constituem autoridade utilizem linguagens que não ameacem, que não humilhem por castigos, sarcasmos ou quaisquer que sejam as atitudes relacionadas às punições. Pais e professores que aspiram por relações de confiança utilizam sanções por reciprocidade para corrigir os comportamentos inadequados de seus alunos ou filhos (TOGNETTA, 2005, p. 23).

Quadro 4: Preparação da Escola para enfrentar o *Bullying*

A Escola está preparada para intervir nos atos considerados <i>Bullying</i> ?	Quantidade
Sim	16
Não	4
Total	20

Fonte: Respostas dos questionários

Isso reforça a coerência dos PCN (1998) e Rolim (2008) sobre a necessidade do diálogo entre os indivíduos envolvidos reforçando os valores sobre o respeito mútuo entre as pessoas e a noção de solidariedade. Assim como, esse dado também demonstra que os estudantes estão relativamente conscientes deste temática e das possibilidades de solução que a Escola, representada na figura de professores e gestores, pode ajudar nesse fenômeno tão comum no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho buscou investigar o fenômeno do *Bullying* no contexto escolar, buscando dessa maneira, investigar como o *Bullying* pode ser definido com uma atitude violenta que acontece não somente pela falta de diálogo entre ambas as partes, mas também devido a esse desequilíbrio de poder existente na escola.

Esta pesquisa de caso buscou realizar esse trabalho com a seguinte premissa de concerne uma pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, que investigou, através de um paradigma interpretativo, algumas opiniões e sentenças de um grupo de 21 estudantes de diferentes idades e dos respectivos gêneros, do 9º ano da E. E. F. João de Oliveira Chaves da cidade de Monteiro.

Entre as pesquisas utilizadas destacamos basicamente os teóricos que tratam desta temática, com objetivo de discutir a temática do *Bullying* em sala de aula, assim como entre outros que serviram de apoio para realização deste estudo.

A pesquisa comprovou que as práticas agressivas e vexatórias em sala de aula devem requerer uma atenção especial por parte do educador. Principalmente em neste caso em particular que as “vítimas” são também agressivas pois reagem também de forma violenta ao *Bullying*, gerando um ciclo contínuo de violência em sala de aula. Também fica claro que a reação do indivíduo vitimizado pode ser ainda mais violenta do que em comparação com a atitude do indivíduo que causou tal medida.

Pois o indivíduo vitimizado pode reagir ou responder também de forma agressiva praticando o *Bullying* contra seu agressor além disso, gerando um ciclo vicioso de estímulo/resposta de violência entre os que praticam/sofrem tal ato, o que resulta em conflitos generalizados por parte dos estudantes confirmando em brigas constantes na sala de aula ou fora dela.

Também vimos que a intolerância em aceitar a diferença do outro pode ser uma causa desse fenômeno em sala, cabendo ao docente a função de conscientizar os indivíduos por meio de atitudes preventivas e não só paliativas diante deste fenômeno.

Além disso, a escola tende a ser um ambiente favorável para o desenvolvimento deste fenômeno, mas a maioria dos estudantes relatou que não se isolaria diante do abuso cometido por seus colegas. Isso demonstra que para a maioria

do discentes a ajuda externa seria bem vinda para a superação deste problema e que a Escola pode ajudar na solução deste problema imediato.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Debora Christina. ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Do Bullying ao Preconceito: os desafios da barbárie à educação*. Disponível em [http: < www.violênciaescola.com.br/br>](http://www.violênciaescola.com.br/br/). Acesso em: 21 de abr. 2014

ALMEIDA, Léo César Parente de. SOUZA, Christiane Pantoja de. *Bullying em ambiente escolar*. Disponível em [http:< www.Bullying Com.Br/Bullying.Php>](http://www.Bullying.Com.Br/Bullying.Php). Acesso em: 18 Abr. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

IDALGO, Manoel de Oliveira. *Bullying escolar e educação* Disponível em [http:< www.Bullying Com.Br/Bullying.Php>](http://www.Bullying.Com.Br/Bullying.Php). Acesso Em: 18 Abr. 2010.

LEÃO, Letícia Gabriela Ramos. *Fenômeno Bullying no ambiente escolar*. Disponível em: <<http://www.mundo jovem.com.br/Bullying.php>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

NIKODEM, Samara e PIBER, Lizete Dieguez. *Estudo sobre o Fenômeno Bullying em Escolas de Ensino Fundamental e Médio da Região Noroeste do RS* <<Http://Www.Mundo Jovem.Com.Br/Bullying.Php>>. Acesso Em: 18 Abr. 2010.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino (2005). *Violência na escola: os sinais de Bullying e o olhar necessário aos sentimentos*. In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Editora Zouk.

ROLIM, Marcos. *Bullying: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre. UFRES: 2008.

SILVA, G. J. *Bullying: quando a escola não é um paraíso*. 2006. Disponível em: <<http://www.mundo jovem.com.br/Bullying.php>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

ANEXOS